

UMA LEITURA PARA A LIBERDADE: DIÁLOGO ENTRE GRAMSCI E FREIRE

Janiara de Lima Medeiros

Doutoranda em Educação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE UFF), Linha Filosofia, Estética e Sociedade (FES). Integrante dos Grupos de Pesquisa (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NuFiPE) e; Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento: o Pensamento Crítico Latino-Americano e a Traduzibilidade de Antonio Gramsci (GPETED), ambos vinculados à Universidade Federal Fluminense (UFF).

<http://lattes.cnpq.br/3544078470911638>

<https://orcid.org/0009-0005-8610-4728>

E-mail: jlmedeiros@id.uff.br

RESUMO: Este trabalho reflete as relações entre leitura crítica à formação humana na perspectiva da educação integral e, desta forma, à liberdade, à luz de Antonio Gramsci (1891-1937) e Paulo Freire (1921-1997), destacados entre dois dos maiores pensadores da nossa geração. Ambos os pensadores com alicerçada formação política, deixaram grande legado sobre a educação integral e sobre as práticas pedagógicas. Este estudo que buscou compreender os objetos de análise de Freire e de Gramsci cujos quais, centrados em suas respectivas realidades nacionais, buscaram analisar os “oprimidos” marginalizados pelo capitalismo brasileiro periférico aos quais se negavam o uso da palavra e, operários da Itália oprimidos pelo fascismo, respectivamente. Em ambas as situações se contextualizava o poder do Estado agindo coercitivamente, sobretudo, contrariando a possibilidade do pensar consciente, crítico e liberto das suas violências. Neste sentido, poder e hegemonia são categorias que se articulam com diálogo que busca refletir sobre a formação crítica à liberdade em prol da luta da transformação social, sobretudo diante da implantação do discurso de ódio estrategicamente implantado e presente na atual conjuntura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Gramsci. Paulo Freire. Estado. Leitura crítica. Liberdade.

A READING FOR FREEDOM: DIALOGUE BETWEEN GRAMSCI AND FREIRE

ABSTRACT: This work reflects the relationships between critical reading of human formation from the perspective of integral education and, in this way, freedom, in the light of Antonio Gramsci (1891-1937) and Paulo Freire (1921-1997), highlighted among two of the greatest thinkers of our generation. Both thinkers with a strong political background left a great legacy on integral education and pedagogical practices. This study sought to understand the objects of analysis of Freire and Gramsci, which, centered on their respective national realities, sought to analyze the “oppressed” marginalized by peripheral Brazilian capitalism who were denied the use of the word, and workers in Italy oppressed by fascism, respectively. In both situations, the power of the State acting coercively was contextualized, above all, contradicting the possibility of conscious, critical thinking free from its violence. In this sense, power and hegemony are categories that are articulated with dialogue that seeks to reflect on the critical formation of freedom in favor of the struggle for social transformation, especially in the face of the implementation of hate speech strategically implemented and present in the current Brazilian situation.

KEYWORDS: Antonio Gramsci. Paulo Freire. State. Critical reading. Freedom.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio reflete-se sobre a relevância da leitura crítica à luz Antonio Gramsci e Paulo Freire, partindo da análise das obras dos autores com destaque para “Os Intelectuais e a Organização da Cultura” (Gramsci, 1982) e “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 1977), o que sistematiza este trabalho.

A leitura a partir das obras do ativista político, jornalista e intelectual italiano, um dos fundadores do Partido Comunista da Itália e; do educador brasileiro, criador do método de alfabetização de adultos inovador em razão de alfabetizar e provocar o exercício à cidadania suscitam muitas reflexões.

Nascido em dia 22 de janeiro de 1891, Gramsci, deficiente físico¹, foi criado em realidade de dificuldades financeiras, o que não o impede à construção do pensamento a partir da análise sócio-histórica e econômica da sua época. Cursou Literatura na Universidade de Turim², iniciando estudos na área de arte e linguagem.

Freire nasceu em 19 de setembro de 1921. Após o falecimento do pai, a família passou por necessidades financeiras, o que não o impediu de progredir com os estudos e cursar filosofia da linguagem, iniciando sua trajetória como docente de Língua Portuguesa³.

Embora venham de contextos históricos e políticos diferentes, ambos têm afinidades na trajetória escolar, a partir de (ou durante) suas infâncias difíceis como as que vivem os filhos da classe trabalhadora da atual sociedade brasileira: “cenário de grandes dificuldades agravadas pela pandemia. Queda na renda, desemprego em massa, informalidade e a chamada “uberização” (...) Saímos de uma situação de quase pleno emprego até 2015, para uma grave crise econômica e social”, destaca o site da Agência Senado, ainda em 2021, ao apresentar a matéria intitulada “Especialistas apontam

1 Por Altamiro Borges https://altamiroborges.blogspot.com/2011/01/vida-e-obra-de-antonio-gramsci.html#google_vignette Acesso em nov.2024 Referenciando FIORI, Giuseppe. A vida de Antônio Gramsci, Paz e Terra, RJ, 1979.

2 Por Dilva Frazão. Biblioteconomista e professora Fonte: https://www.ebiografia.com/antonio_gramsci/ Acesso em nov.2024

3 Por Dilva Frazão. Biblioteconomista e professora Fonte: https://www.ebiografia.com/paulo_freire/ Acesso em nov.2024

muitos desafios para a classe trabalhadora neste 1º de Maio”⁴. Ou ainda neste cenário alarmante, na matéria “A situação da classe trabalhadora no Brasil e a nova pesquisa Tricontinental”, de maio de 2024 em que há o questionamento “O que fazer diante da vulnerabilidade cada vez maior da classe trabalhadora brasileira?” diante dos índices alarmantes que traduz a classe trabalhadora numa notável precariedade laboral expressa pela taxa de informalidade (38,9%) e “em uma expressiva taxa de subutilização da força de trabalho (17,9%)”.

Ambos os autores experienciaram uma formação pela qual puderam analisar, a partir dos respectivos processos culturais e políticos, a perspectiva integral de uma educação capaz de transformá-los e permitir que pudessem impactar a sociedade dos seus tempos, como ocorre até os dias atuais.

Gramsci contraria a proposta de educação escolar visando especificamente a profissionalização para atendimento ao mundo do trabalho, e argumenta em favor de um modelo educação escolar que busque privilegiar a formação para a vida, a partir da prática social (Medeiros, 2019). Não contraria, contudo, a formação específica, mas a entende como necessária para uma fase de maior maturidade do discente em que ele teria clareza e autonomia para decidir acerca da sua profissão. Por esta razão a formação para a vida deve anteceder à ânsia pelo preparo à atividade laboral, complementa Medeiros (2019).

Neste sentido é que Gramsci propõe uma escola desinteressada, que não objetivasse corresponder os interesses imediatos do processo produtivo. Neste sentido, a escola desinteressada visa a promoção de uma educação integral – aqui entendida a partir do conceito marxiano, uma formação omnilateral⁵, cuja qual tem o trabalho como princípio educativo com fins a uma formação humana emancipatória considerando que “Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões” (Frigotto, 2012, p. 265)

A formação na perspectiva integral a qual Gramsci atinge é mesma que o autor

4 Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/30/especialistas-apontam-muitos-desafios-para-a-classe-trabalhadora-neste-1o-de-maio> Acesso em nov.2024

5 Esta categoria se baseia nos estudos de Marx em que considera a centralidade do trabalho como princípio educativo, embora seja contraditória a dimensão histórica em que o trabalho tem se apresentado na sociedade capitalista. Fonte: MARX, Karl. Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844. Lisboa: edições 70, 1989.

busca para continuamente mantê-la, proporcionou que, embora no cárcere, realizasse a escrita de trinta e caderno⁶. A miséria dos camponeses italianos em razão da precariedade de condições sociais foi a motivação para seus escritos e sua luta em favor de uma educação socialmente igualitária, unitária, a fim do Estado acessibilizar os mesmos conhecimentos científicos e culturais para todos os homens, os quais identificava como capazes de serem dirigentes de seus próprios destinos.

Não obstante, tem-se em Freire uma obra completa que integra temáticas debatidas e defendidas nas esferas da Filosofia e da Sociologia da Educação. Isso significa não reduzir Freire a sua produção somente referente ao método de alfabetização, mas às construções de pensamento que o autor organizou e publicou, além da alfabetização, enriqueceu de conhecimentos a educação com temas sobre “Círculo de Cultura”, currículo, críticas à educação bancária, em defesa da liberdade a fim de proporcionar a capacidade criativa que determinam condições de existência por meio do desenvolvimento de consciência crítica da realidade.

Assim, os autores oferecem uma perspectiva rica e crítica sobre a educação, a cultura e a luta por uma sociedade mais justa por meio da transformação protagonizada pelo homem. Os pensadores enfatizam a importância da conscientização para que ocorra a transformação social.

Do exposto, Gramsci e Freire compartilham a necessidade da leitura crítica do homem diante das várias situações sociais, para além da leitura no sentido coloquial dos textos (Medeiros, 2024). Destaca-se então que não se referem aqui a formas de leitura (literal, reflexiva, rápida, silenciosa, em voz alta, automática, técnica etc.), mas ao que o ser humano é capaz de ler e interpretar por meio da elaboração do pensamento crítico.

Neste sentido, à ampliação da leitura, incorporam-se imagens, gírias, verbetes, duplo significado de palavras, ou novos significados lexicais, ideologias, expressões verbais ou não verbais, entre tantas. Para estas diferentes formas de ‘textos’ e ‘contextos’ é que, na visão dos pensadores, é defendida a leitura crítica como um caminho para a libertação, na medida em que permite a emancipação intelectual e social do sujeito.

6 Publicados sob os títulos: “Intelectuais e a Organização da Cultura”; “Cartas do Cárcere”; “Literatura e Vida Social”; “Notas sobre Maquiavel, a Política e o Estado Moderno”; “O Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce”; “O Resurgimento” e; “Passado e Presente”.

Gramsci e Freire defendem que a educação não deve ser um ato de imposição de conhecimento, mas de construção conjunta, em que o sujeito se torna capaz de interpretar criticamente sua realidade e, assim, participar ativamente da sociedade. Para eles, a leitura crítica é um passo fundamental para que o homem se perceba como sujeito de sua história, promovendo uma educação que não só informa, mas transforma.

HEGEMONIA, CONSCIÊNCIA CRÍTICA E LIBERDADE

As análises gramscianas sobre a hegemonia cultural e o papel da educação na formação da consciência crítica são entre as mais teorizadas entre educadores e os que o referenciam. Para o filósofo sardo (1982), mesmo que determinada em última ordem

A educação, ainda que determinada em última instância, por meio das condições materiais são que os homens se organizam em sociedade, criam suas leis e seus costumes, e estabelecem as relações concretas a partir do trabalho. Por meio destas condições materiais

O ser humano organiza, em sociedade, a produção e se reproduzem criando e recriando mecanismos sociais dentre os quais eles mesmos fazem parte. Este movimento é o que constitui a cultura e é por meio deste que os intelectuais estruturam suas relações e crenças.

Neste contexto surge o poder da direção moral e intelectual exercido por alguns homens na sociedade, cujos quais seus engajamentos possibilitam a manutenção da classe dominante ou a luta contra este poder, a que chamou de contra hegemonia.

É fundamental entender que para Gramsci o intelectual não se destaca ou se define em razão da posição em que ocupa no mundo do trabalho,

O erro metodológico mais difundido [...] é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram, no conjunto geral das relações sociais. Na verdade, o operário ou proletário [...] não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais [...] E já se observou que o empresário, pela sua própria função, deve possuir em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, embora

sua figura social seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais gerais que caracterizam efetivamente a posição do empresário na indústria (Gramsci, 2000a, p. 18).

O autor define o intelectual a partir da função que este desempenha na luta pela hegemonia. Logo, diz muito mais quanto a forma das funções exercidas pelo ‘intelectual’ em que assume sua posição de direção à dominação. Neste sentido é que para Gramsci, “(...) todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais” (Gramsci, 2000a, p. 18). Assim, um agricultor que possui que não possui a formação escolar ou pós-doutor em economia podem ser considerados intelectuais.

Para tanto, o filósofo atribuiu que a educação deve ser um processo de conscientização que leva os indivíduos a questionarem e entenderem suas realidades, promovendo uma transformação social efetiva.

De igual forma, para Freire, as capacidades teórica e intelectual do do trabalho necessitam associar-se a um compromisso político intencionado à transformação da realidade opressora da sociedade do capital por uma sociedade justa e democrática. Desta forma é que o autor defende a necessária formação (teoria) que favoreça a construção da consciência crítica para a qual é necessária também a ação para que ocorra a transformação almejada “(...) a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo” (Freire, 2013, p. 24).

Ambos os intelectuais apresentam na educação o potencial para transformar a sociedade e reduzir as desigualdades. Gramsci acredita que, por meio da construção de uma contra-hegemonia, as classes subalternas podem contestar a ordem social e política dominante, promovendo uma transformação estrutural. Freire, ao enfatizar o diálogo e a conscientização, vê na educação um caminho para que os oprimidos desenvolvam uma nova consciência de si e de sua capacidade de ação. Esse processo fortalece o sentimento de agência, fundamental para que o indivíduo se sinta capaz de provocar mudanças na sua realidade.

Esta temática era tão significativa para Freire que a apresenta em obras, mantendo a consciência crítica a partir da educação tão expressivo em: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (Freire, 2013); *Medo e ousadia*

(Freire; Shor, 1997); Educação e mudança (Freire, 1985); Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos (Freire, 1982); Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire (Freire, 1980); Pedagogia do oprimido (Freire, 1977) e; Educação como prática da liberdade (Freire, 1975).

Para o educador brasileiro a *consciência crítica*, que é o processo pelo qual os oprimidos tomam consciência de sua realidade, de modo a transformar as estruturas que mantêm essa opressão. Segundo Freire, a educação deve desenvolver essa consciência, transformando o aluno de um sujeito passivo em um agente ativo e crítico, capaz de questionar e mudar sua própria realidade.

Neste diálogo entre os dois autores temo o movimento que se dá por meio da consciência crítica adquirida pelo oprimido que se torna intelectual e pode, ao exercer a sua função na sociedade, agir em prol da hegemonia (ou contra) cultural a fim de transformar a sociedade.

Para Freire a educação deve ir além do que sistematiza a escola para que seja aprendido (currículo) e assim, a formação escolar deveria ser não simplesmente para ter acesso ao conhecimento e ser incorporado ao mundo do trabalho, mas além disso, como forma meio de adquirir conhecimento amplo a fim de proporcionar a participação na vida pública a fim de transformar o meio social. (Freire, 1990, p. 33)

A alfabetização e a educação, de modo geral, são expressões culturais. Não se pode desenvolver um trabalho de alfabetização fora do mundo da cultura, porque a educação é, por si mesma, uma dimensão da cultura. Parece-me fundamental, porém, na prática educativa, que os educadores não apenas reconheçam a natureza cultural do seu que fazer, mas também desafiem os educandos a fazer o mesmo reconhecimento. Reconhecer, contudo, a natureza cultural da educação não significa abençoar toda expressão cultural, mas reconhecer que a própria luta pela superação do que Amílcar Cabral chamava fraquezas da cultura passa pela assunção da própria fraqueza. Daí que a educação deva tomar a cultura que a explica, pelo menos em parte, como objeto de uma cuidadosa compreensão, com o que a educação se questiona a si mesma. E quanto mais se questiona na cultura e na sociedade em que se dá, tanto mais vai se tornando claro que a cultura é uma totalidade atravessada por interesses de classe, por diferenças de classe, por gostos de classe.

Aqui é possível rever o pensamento apresentado neste ensaio acerca do sentido ampliado da leitura a fim de buscar a leitura do mundo em suas várias formas de

representação escrita. E uma vez que o homem se torna capaz de lê-lo, direciona-se à “liberdade”. Neste diálogo é possível analisar um entrelaço entre a “liberdade” em Freire e “hegemonia” em Gramsci que, apoiando-se em seus contextos históricos, políticos e sociais diferentes, proporcionam uma nova forma de interpretar paradigmas culturais eminentes no contexto atual brasileiro.

Dentre estes paradigmas destaca-se na Educação, por exemplo, a questão do empreendedorismo.

Segundo definição da Endeavor, rede global de fomento ao empreendedorismo, o termo se refere à disposição para identificar problemas e oportunidades e investir recursos na criação de um negócio que seja capaz de gerar mudanças e um impacto positivo

Por Fernanda Martinez, g1.

Fonte: <https://g1.globo.com/empreendedorismo/noticia/2022/05/26/o-que-e-empreendedorismo-especialistas-respondem.ghtml> Acesso em nov.2024

É preciso analisar as intenções deste movimento que aponta ao grande benefício do lucro oferecendo vantagens com argumentos à obtenção de melhoria de vida pessoal e do negócio local, ou seja, social. O empreendedorismo é, sem dúvidas, um dos maiores movimentos da sociedade atual presente a partir da educação escolar que traz além da vantagem individual do lucro, segundo os economistas do capital, gera empregos e estimula a economia.

Diante deste novo padrão que vem orientando comportamentos, políticas públicas em educação, fazer docente e outras áreas pra além da educação, esta nova forma de ver o mundo também influencia à desconstrução de conquistas políticas muito duramente alcançadas, como por exemplo os direitos do trabalhador a partir da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em que além da garantia da remuneração mensal, horários fixos regulamentados, direito a férias programadas, 13º salário, como outros benefícios como vale-alimentação ou refeição e plano de saúde.

Faz-se necessário apelo à leitura crítica desta campanha em prol do empreendedorismo que retira do Estado a responsabilidade do trabalhador e impõe ao mesmo o mérito pelo sucesso ou fracasso. Pensar criticamente é caminhar na direção da liberdade defendida por Freire.

No contexto brasileiro surge a expressão “libertação” a que Freire utilizava-se a

fim de reforçar, sobretudo, o anseio de liberdade diante do cenário de ditadura militar (1964-1984) cujo qual o país se encontrava. No entanto, indo além deste período que inspira a ânsia de livra-se da opressão política, há a ânsia pela liberdade diante de um contexto histórico de luta contra o colonialismo cujo qual o Brasil ainda resiste. Neste sentido há o entrelace entre o pensamento de Gramsci em que a hegemonia cultural e direciona a perspectiva da força popular para o fim da ditadura brasileira buscando por meio da inventiva ação dos intelectuais, uma conquista política e construção da democracia.

Assim, muito mais do que atribuir uma harmonia no campo da linguagem, as formulações teóricas e de perspectiva sociopolítica busca por meio hegemonia cultural defendida por Gramsci e, à luz de Freire, a busca pela liberdade, que educadores anseiam concretizar em suas práticas político-pedagógicas.

Desta exposição, traçando um diálogo entre hegemonia cultural, o papel dos intelectuais a educação conscientizadora em por Gramsci é possível trazer aproximações ao pensamento de Freire quando apresenta, por meio da Pedagogia do Oprimido, a importância de uma educação que seja libertadora, onde os educadores e educandos estejam em um processo de diálogo e reflexão crítica. Freire critica as abordagens bancárias de educação, nas quais o conhecimento é simplesmente depositado nos alunos. Além do diálogo e da conscientização defendidos no método de alfabetização sob um olhar interdisciplinar e na perspectiva de uma educação integral, Freire também apresenta a importância da práxis, por meio da qual a prática deve estar ligada à reflexão crítica. Para Freire, a ação e a reflexão (práxis) são fundamentais para a formação de uma consciência crítica e para a ação transformadora na sociedade.

Tanto Gramsci quanto Freire compreendem a educação como ferramenta de transformação por meio da qual a conscientização e a reflexão crítica são essenciais para que os indivíduos possam entender e refletir sobre a realidade social e desafiar as estruturas de poder.

Cultura e Educação caminham de mãos juntas para os pensadores. Se por um lado Gramsci discute como a cultura é um campo de luta, Freire aborda a cultura como um espaço de diálogo. No entanto, ambos reconhecem que a educação deve estar profundamente enraizada na cultura e nas experiências dos discentes.

É comum nas obras de ambos os autores a importância da ação coletiva. Os pensadores sugerem que a transformação não é um ato isolado, mas um esforço coletivo. A construção de uma nova hegemonia ou uma prática pedagógica libertadora depende da participação ativa e consciente dos indivíduos, uma vez que ambos os pensadores veem a educação como um caminho para a emancipação social. Para Gramsci, o papel dos *intelectuais orgânicos* é crucial, pois eles ajudam a articular os interesses e as visões da classe trabalhadora, contrapondo-se à hegemonia cultural dominante. Isso permite que a classe trabalhadora desenvolva uma visão alternativa de mundo, promovendo uma contra-hegemonia que desafie a ordem estabelecida.

Freire compartilha essa visão da educação como libertadora, mas enfatiza que a prática educativa deve ser dialógica e horizontal, em contraste com a “educação bancária”, onde o professor deposita conhecimento nos alunos. Freire argumenta que a educação verdadeira ocorre quando professores e alunos aprendem juntos, construindo conhecimento por meio de uma troca mútua. Essa abordagem fortalece o empoderamento dos alunos e, assim, rompe com as estruturas autoritárias e reprodutoras de desigualdade social. Com destaque a transformação do oprimido que, por meio da cultura intelectualiza-se e ocorre a grande mudança no sentido emancipatório em que este trabalhador violentado pelos processos de opressão torna-se ator político e, desta forma, detentor práticas de transformação.

SOBRE ESTA TAL LIBERDADE

Observa-se uma crescente escalada do discurso do ódio na conjuntura brasileira. Por meio de linguagens divertidas, aparentemente descontraídas ou comunicando por duras formas de informação que impressionam e atraem seguidores em nome de Deus, da família e do Brasil.

Inspira especial atenção da sociedade que manifesta comportamentos de intolerância e fanatismo de todos os tipos, ocasionando fechamento das liberdades democráticas e políticas cujas quais levaram muitos anos para que fossem, ainda que timidamente, conquistadas, como a liberdade de expressão, por exemplo. Refere-se aqui de forma tímida em razão de ter sido um processo esquecido por muitos ou talvez nem sabido por inúmeros brasileiros. E desconfia-se aqui desta possível liberdade em razão

da eminente ameaça em razão das medidas sugeridas em combate a postagens que possam ofender aos detentores do poder. Para as quais entram no cenário os controles de palavras no universo digital e possibilidade de bloqueio ou exclusão de contas em redes sociais.

Assim, o primeiro ponto que se questiona é quanto ao sentido literário da liberdade de expressão - haja visto que ainda não foi imperada a proibição de pensar. Talvez porque 'ainda' não se tenha chagado a este nível de evolução tecnológica de corpos, ou melhor, de mentes.

Para esta reflexão é possível respirar fundo, de alívio, que a liberdade de pensar ainda é possível, embora com restrições às manifestações do pensamento crítico.

Reflete-se aqui o sentido coloquial da liberdade em razão de, como ratos em laboratório, há uma sensação de corrermos em círculo ao tentarmos experienciar a possibilidade de fuga, mas estarmos submetidos a testagens em nome da evolução e do progresso da nação.

Nesta luta contra a manipulação é que se busca analisar o quanto, embora as muitas leituras, apresentação de trabalhos, divulgação de notas argumentando em favor de uma leitura crítica da vida em sociedade e do contexto sociopolítico no qual encontra-se afundando a sociedade brasileira, parece que um processo de rouquidão ou metamorfose nas cordas vocais que impedem gritar, sufoca e faz secar, calar.

Marcos históricos impulsionaram a visão nada otimista da conjuntura nacional que demonstram esforços cansativos em prol de, no mínimo a manutenção de conquistas atingidas e não de um retrocesso como se deu com políticas como as da Reforma do Ensino Médio, Lei 13.415/2017 (Medeiros, 2021) ou seu precedente: o escândalo mundial que focou no golpe jurídico-parlamentar consumado contra a presidenta Dilma Rousseff (2016). Episódio não esquecido e ainda fervilha como um ferimento aberto, sem perspectivas de cicatrização. Pelo contrário, anunciara uma escalada do resgate ao conservadorismo nacional, com a articulação crescente de um discurso de cunho fascista e de fechamento do regime político.

Nesta direção instaurou-se o caos, a partir de 2018, fazendo-nos refletir do porquê do Partido dos Trabalhadores (PT) e seus aliados não terem conseguido

transformar sua base popular em apoio organizado para derrotar a aliança de forças (parlamento, judiciário, comunicação e a grande burguesia nacional). Já na época analisava-se os desafios para a democracia brasileira tenso por resistir ao passado autoritário e dos golpes de Estado, e tão eminentes antes da tensão nacional diante de momentos que precediam o resultado da eleição presidencial.

Somam-se aos episódios alarmantes o da Pandemia da Covid-19 em que o país logrou momentos de tristeza, dor, incertezas e aflições que natureza indiscriminada, irreversível e ainda não cicatrizadas cujo atuação do governo deixou inúmeros questionamentos que não conseguiríamos aqui resumir.

Destaca-se então que os acontecimentos da atual conjuntura ainda estão em movimento e podem ter desfechos e consequências ainda mais imprevisíveis ao expor feridas de um Estado que vem gradativamente fortalecendo uma arena de incertezas num cenário de (re)pactuação por um novo projeto nacional que anuncia a possibilidade de retomada das forças dos grupos de extrema-direita que sustentam o Bolsonarismo.

A busca pela liberdade não requer que estejamos por traz de grades físicas, mas fira das grades que aprisionam as mentes e nos possibilitam pensar criticamente acerca da histórica luta pela democracia.

Para tanto é preciso contagiar a necessária ação para desvelar e analisar os interesses contidos na aparência e por trás dos discursos políticos disponibilizados em diversas fontes tais como notícias divulgadas na internet, artigos de revistas, nos jornais, em redes sociais, o que sem dúvidas inclui a possibilidade de “*fakenews*”, a fim de organizar e sistematizar a intenção de manipulação da informação.

É preciso desabafar, resistir, perseverar, lutar. É preciso disseminar trabalhos como este em prol de uma educação que oportunize pensar criticamente. Que se façam conhecer os odiados da história da luta popular aqui referenciados, Gramsci e Freire, ainda que sob o risco de ter sua rede social inibida por quem olha ou condena.

Enquanto educadores é preciso desconfiar das políticas públicas educacionais brasileiras associadas aos interesses que circundam as demandas privatistas da educação, expostas nos arcabouços legais justificadores da transferência de recursos econômicos para a iniciativa privada e, na outra ponta, pelo sucateamento da educação pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de Gramsci e Freire juntos oferece um entendimento profundo da relação entre educação, cultura e política. Suas ideias nos convidam a refletir sobre a função da educação na sociedade contemporânea e o papel de educadores e educandos na luta por transformação social em prol da justiça e da equidade. Essa abordagem crítica e dialógica é fundamental para a formação de uma sociedade mais justa e consciente. Para tanto, outorga-se este ensaio em favor da formação humana a fim de que o homem se liberte da exploração do próprio homem

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Extensão e comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997a.
- FREIRE, Paulo; SHOR I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo; MACEDO Donaldo. **Alfabetização. Leitura do mundo. Leitura da palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro(RJ): PAZ E TERRA, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro(RJ): PAZ E TERRA, 1969.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. Recife(PE): S/Ed., 1959.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, v. 2 - Antonio Gramsci: os intelectuais. **O princípio educativo. Jornalismo**. Ed. e trad. de Carlos N, Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

GRAMSCI, Antonio. **A Alternativa Pedagógica**. Porto Alegre(RS): ARTES MÉDICAS, 1993.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro(RJ): CIV. BRASILEIRA, 1968.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos**. Volumes I e II. Lisboa(PT): SEARA NOVA, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e Vida Nacional**. Rio de Janeiro(RJ): CIV. BRASILEIRA, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro(RJ): CIV. BRASILEIRA, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro(RJ): CIV. BRASILEIRA, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Socialismo e Cultura**. In. Escritos do Nuevo Ordem. Turim (IT): PSI, 1914-1918.

MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Fábulas para se ler além da escola**. 1. edição. Itapiranga: Editora Schreiber, 2024. 124 p. E-book disponível em: <https://www.editoraschreiber.com/livros/f%C3%A1bulas-para-se-ler-al%C3%A9m-da-escola> Acesso em abril de 2024.

MEDEIROS, Janiara de Lima. A reforma do Ensino Médio: Estudo crítico da lei nº 13.415/2017. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2021.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **Formação para o Trabalho x Formação para a Vida**: do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.